

“A EDUCAÇÃO QUE TEMOS E
A EDUCAÇÃO QUE QUEREMOS

DA EDUCAÇÃO BÁSICA
À PESQUISA ACADÊMICA”



DIAS 28, 29 E 30 DE SETEMBRO

XV JORNADA ACADÊMICA DO MESTRADO E DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

A EXPERIÊNCIA COM A DESENHOGRAFIA NA EDUCAÇÃO

Simone Maria Spanhol

Universidade de Caxias do Sul

Eixo 1 – Linguagem, Experiência Intercultural e Educação

A pesquisa intitulada *A Desenhografia de um Movimento* é escrita por uma pesquisadora, mas traz outras duas personagens que a compõem: a artista visual que realiza inúmeras produções artísticas e a professora que instrui por meio da disciplina de Arte. O projeto tem como temática a experimentação pela Desenhografia, método que se constitui na junção do desenho e fotografia por aplicativo de celular e edição de imagens Picsart. O termo é criado pela própria artista e surge da união das palavras desenho + (foto)grafia, visto que são elas que compõem grande parte de seu acervo pessoal. O trabalho realizado é parte do curso de Mestrado em Educação (em andamento) e traz uma estreita ligação com o Eixo 1, pois trata da Linguagem da Arte dentro do campo educacional.

O objetivo geral consiste em experimentar produções utilizando o desenho e a fotografia com uma turma de 9º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Reinaldo Cherubini na cidade de Nova Prata. A problematização se fundamenta em: como elaborar com os estudantes produções com a desenhografia?

No decorrer dos escritos, a pesquisadora se insere na própria pesquisa como professora e artista; desta forma, a educadora que ensina a arte, sua compreensão e características, segue lado a lado com a artista visual, que convida à experimentação. Através de um acervo pessoal com inúmeros ensaios que expressam a gestualidade e o movimento de um corpo e com inspiração no pintor, escultor e fotógrafo, Edgar Degas, nasce a artista-desenhográfica, que trabalha com o desenho e a fotografia, e adentra na escola por meio das aulas de Arte que passam a ser nomeadas de ‘Ateliês de

Desenhografia'. Estes funcionam como um espaço propositivo de produções e experimentos artísticos.

Desta forma, a imagem, resultante das experiências realizadas nos Ateliês, expressa o movimento realizado por um corpo e torna visível suas vastas possibilidades. Estas mesmas linhas são parte do processo artístico de Degas, mencionado por Valéry e Barbosa (1999), que afirmam que os valores de um artista não podem “ser encontrados nas *coisas*” (p. 140), tampouco em dois indivíduos distintos. Cada qual possui um diferencial, sendo sua obra inigualável, seja pelo estilo, temática ou suportes utilizados. Degas ao expressar em suas esculturas, pinturas ou desenhos ‘instantes congelados’ do movimento humano, se mostra único, evidenciando com primoriedade como a Arte pode capturar o invisível, o minúcio e o detalhe de uma gestualidade.

Esta unicidade, também, se faz presente no repertório da artista-desenhográfica, remetendo a novas formas de recriar ideias, questionando os próprios limites e estando constantemente em “um permanente e alegre devir artista” (CORAZZA, 2005, p. 142), evidenciado nas experimentações realizadas e conduzidas. Não se espera algo pronto ou que caia do céu (DELEUZE; GUATTARI, 2015), mas olha-se para a frente, buscando vastas possibilidades e distintos modos de experienciar o movimento de um corpo.

Gilles Deleuze e Félix Guattari (2011) discorrem que, em meio a um procedimento, o resultado não é o aspecto que mais se destaca, mas sim, o seu processo, no qual o sujeito é convidado a desafiar suas possibilidades para a construção de algo. A ênfase é dada aos modos de fazer, aos novos percursos, as posturas questionadoras, olhares plurais e trajetórias, até então, não percorridas ou desconhecidas. Assim, diz-se que um artista é um cartógrafo, e “todo cartógrafo é um artista” (COSTA, 2014, p. 66), pois ambos caminham por um território indefinido, trazendo incerteza com relação às linhas traçadas (DELEUZE & PARNET, 1988).

Assim, a experiência se impregna de inúmeros espetáculos (VALÉRY, 2003) que trazem, de maneira intensa e particular, as singularidades do indivíduo que a experimenta (MATOS; SCHULER; CORAZZA, 2015). Estes aspectos permitem à artista-desenhográfica atuar como uma propositora de experiências que enfatizam a criticidade e um olhar aprimorado sobre a imagem e suas possibilidades de expressão artística.

Os ‘Ateliês de Desenhografia’ podem ser descritos como um “espaço de produção inventiva” (MATOS; SCHULER; CORAZZA, 2015, p. 230) e de experiências que buscam a produção de imagens fotográficas. Estas passam a agir umas sobre as

outras (DELEUZE; GUATTARI, 2011), desse modo, não se almeja um resultado específico, tampouco se pretende adentrar em um caminho já determinado, mas sim, busca-se o desenvolvimento da experiência através da junção do desenho com a fotografia.

Mediante a realização das desenhografias têm-se a cartografia do projeto, que diz respeito às ações, ou mesmo, ao processo de sua feitura. Cartografar implica tirar o pensamento de seu estado de acomodação, levando-o a realização de práticas (DELEUZE, 1998) que podem ser construídas e reconstruídas. É como se fosse feito um mapa e este estivesse aberto a novas possibilidades, assim, “Cartografar é alçar voo” (COSTA, 2020, p. 10), é ter a liberdade para comprometer os sujeitos, dando-lhes espaço para a realização de vivências e experiências. Estas remetem a novas formas de recriar ideias, não interessando o resultado ou o produto, mas a forma como se chega a ele (TADEU; CORAZZA; ZORDAN, 2004). Dessa forma, a artista-desenhográfica, condutora dos ‘Ateliês de Desenhografia’, age como uma cartógrafa, compondo suas próprias linhas (COSTA, 2014) à medida que os experimentos são realizados. Se “mistura com o que pesquisa” (COSTA, 2014, p. 71), pisa em campos em movimentação, se movimenta e faz o mesmo com os sujeitos com os quais interage.

A presente escrita procura aproximar e proporcionar um contato, ainda maior, e dos estudantes com a arte e a artista, fazendo com que adentrem em um mundo de experiências permeado pelas suas vivências, memórias e modos de ser, o que contribui para a construção do próprio acervo imagético através das desenhografias experimentadas.

Diz-se que a experiência é algo que toca o sujeito, o inquieta e faz com que se modifique por meio das ações que realiza, dessa forma os ensaios têm o intuito de desafiar e provocar tensionamentos, fazendo que, veja a si mesmo e ao mundo de forma distinta. O experienciar requer tempo para: parar, olhar, pensar, escutar, sentir, atentar para detalhes, “dar-se tempo e espaço” (BONDÍA, 2002, p. 14). Nem sempre envolve um percurso tranquilo, pois, por vezes, perpassa a intranquilidade, confusão e, em alguns momentos, chega a fugir do controle do sujeito que a realiza (BONDÍA, 2011). Este precisa ser afetado, produzir afetos, deixar marcas, estar aberto e exposto a novas possibilidades através de um espaço indeterminado e buscar nele uma oportunidade.

Um ser que passa pelo ato experiência de uma experiência simplesmente “ex-iste” de forma sempre singular, finita” (BONDÍA, 2002, p. 25). Experienciar significa que algo acontece ao sujeito, assim há uma dualidade nesta afirmação, pois o

processo de mudança ocorre com o material que está sendo manuseado, mas acontece, também, com o indivíduo, pois esse fazer o inquieta, modificando seu pensamento. Essas transformações nem sempre são velozes, podendo demorar para ocorrer, pois as experiências, muitas vezes, precisam ser refeitas, levando mais tempo que o previsto.

A metodologia do trabalho utiliza o desenho e a fotografia que resulta nas desenhografias desenvolvidas por meio dos Ateliês. Em um primeiro momento, os estudantes têm o contato com as experiências desenhográficas da artista e professora por meio de uma exposição artística realizada em um espaço da Universidade de Caxias do Sul de Nova Prata. Neste local os ensaios são vistos e analisados para que sejam compreendidos seus processos de feitura e composição.

A partir desta experiência, iniciam os ‘Ateliês de Desenhografia’ no espaço da sala de aula, onde a professora atua ao lado da artista desenhográfica. Após, os estudantes conhecem quem foi Edgar Degas, suas produções e as representações do movimento de um corpo. Estas obras são relacionadas com as desenhografias da artista. Nos Ateliês, os estudantes veem mais obras da artista e buscam um corpo e o movimento que detém seu interesse. Após feita a escolha, tem início a observação, os registros fotográficos e os desenhos. Na sequência, são experimentadas as junções dos desenhos com as fotografias por meio do aplicativo Picsart.

O processo, a feitura e a trajetória para a realização destes experimentos compõem a cartografia do projeto, ou mesmo, as linhas que norteiam estas experiências com o desenho e a fotografia. A artista-desenhográfica e a professora conduzem os experimentos, questionando e os estudantes a respeito, fazendo com que se perguntem e pensem sobre suas experiências com a Arte, verificando se é por aquele caminho que querem seguir e finalizar seus experimentos.

Após sua finalização, as desenhografias são apresentadas em formato digital e conceituadas para os colegas e a artista/professora. Ao final, na Banca de Defesa, as experiências realizadas pelos discentes são impressas e apresentadas em uma exposição, juntamente, com as desenhografias da professora e artista visual (ou desenhográfica), condutora dos ‘Ateliês de Desenhografia’.

Por fim, pode-se dizer que o desenho é definido pela linha e a forma; a fotografia pela precisão e, a desenhografia, como a junção de: linha, forma, precisão e movimento através de experimentações que resultam na experiência. Com o projeto, a pesquisadora, artista e professora obtém como resultado a elaboração e a experiência de produções envolvendo o desenho e a fotografia (desenhografias), partindo da temática movimento

de um corpo e relacionando-a com as vivências e memórias dos sujeitos participantes dos Ateliês desenvolvidos; estes que possibilitam novas formas de olhar para o mundo e modos de existir.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; Experiência; Desenho; Fotografia; Desenhografia.

REFERÊNCIAS

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista brasileira de educação**, p. 20-28, 2002. Disponível em: <www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt>. acesso em: 05/09/2023.

CORAZZA, Sandra Mara. **Uma vida de professora**. Ijuí, RS: UNIJUÍ, 2005.

COSTA, Raíssa Caroline Brito et al. **Iconografia e processos de criação: imagens da dança na obra pictórica de Edgar Degas**. 2014. Disponível em: <<http://repositorioinstitucional.uea.edu.br/handle/riuea/1922>>. Acesso em: 05/09/2023.

COSTA, Luciano Bedin da. A cartografia parece ser mais uma ética (e uma política) do que uma metodologia de pesquisa. **Paralelo 31**, v. 2, n. 15, p. 10, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/paralelo/article/view/20997/12946>>. Acesso em: 05/09/2023.

DELEUZE, Gilles. PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998. Disponível em: <https://www.academia.edu/23221647/DI%C3%81LOGOS_Gilles_Deleuze_Claire_Parnet>. Acesso em: 05/09/2023.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. K. **Kafka: por uma literatura menor**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

_____. **Proust e os signos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

_____. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**. Vol. 2. São Paulo: Editora 34, 2011.

MATOS, Sônia Regina Luz; SCHULER, Betina; CORAZZA, Sandra Mara. Formação do professor-pesquisador. **Revista da FAEBA-Educação e Contemporaneidade**, v. 24, n. 43, p. 225-236, 2015. Disponível em: <<https://www.revistas.uneb.br/index.php/faeaba/article/view/1330>>. Acesso em: 05/09/2023.

TADEU, Tomaz; CORAZZA, Sandra Mara; ZORDAN, Paola. **Linhas de escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

VALÉRY, Paul. **Degas Dança Desenho**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

_____. BARBOSA, João Alexandre. **Variedades**. São Paulo: Iluminuras, 1999.